



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**GIOVANI DE LORENZI PIRES**

**(depoimento)**

**2016**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-722

**Entrevistado:** Giovani de Lorenzi Pires

**Nascimento:** 08/07/1957

**Local da entrevista:** Via Skype

**Entrevistadoras:** Jamile Mezzomo Klanovicz e Pamela Siqueira Joras

**Data da entrevista:** 15/06/2016

**Transcrição:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Copidesque:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Pesquisa:** Jamile Mezzomo Klanovicz e Silvana Vilodre Goellner

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 33 minutos e 21 segundos

**Páginas Digitadas:** 14 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulada *A história da disciplina de handebol na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação profissional; Inserção na área do handebol; Handebol escolar; Presença de público; História do handebol no Rio Grande do Sul; Competições escolares; Início da prática do handebol no Rio Grande do Sul; Disciplina de handebol na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança; A importância do handebol dentro do currículo universitário; Perfil dos alunos que buscavam a disciplina; Envolvimento com a prática do handebol; Visibilidade e a prática do handebol nas escolas.

Porto Alegre, 15 de junho de 2016. Entrevista via Skype com Giovani de Lorenzi Pires a cargo das pesquisadoras Jamile Mezzomo Klanovicz e Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. – Primeiramente eu gostaria de te agradecer por estar cedendo esta entrevista, e eu queria que tu iniciasse contando um pouco da tua formação e como tu iniciou na área do esporte.

G.P. – Certo, bom, eu sou natural do Rio Grande do Sul, me criei na cidade do Alegrete, e fiz a minha graduação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) na década de 1970. O handebol eu praticamente fui conhecer na Universidade... Nos anos 1970 o handebol estava se expandindo no Rio Grande do Sul e eu... Talvez tenha tido uma ou duas oportunidades de jogar handebol antes da universidade, mas foi na universidade que eu fui conhecer a modalidade, eu jogava antes futebol, jogava basquete e quando eu entrei na universidade o handebol em Santa Maria, especificamente, na época handebol era um esporte muito praticado e eu tive a oportunidade de ter contato com alguns professores de handebol, que eram professores de ponta na época. Alguns deles inclusive que eu fui monitor, do professor Luiz Celso Giacomini que depois foi treinador da seleção brasileira juvenil, então, minha trajetória foi por ali, foi pela graduação. Depois que eu terminei a graduação eu iniciei uma especialização em handebol, mas não cheguei a concluir, porque eu tive que voltar para Alegrete para trabalhar e aí a especialização ficou interrompida, mas aí eu fui direto para a escola, fui trabalhar em Alegrete, trabalhei por doze anos, quase treze anos em Alegrete e sempre envolvido com o handebol, mas o handebol escolar. Treinava equipes da escola, fazia arbitragem, nós tivemos uma pequena associação de handebol na cidade, então, foi esse o meu trânsito pelo handebol na graduação e nos meus primeiros anos de magistério. Em 1986, eu fui para o mestrado, voltei para Santa Maria para fazer mestrado, já não mais na área de esporte, na área pedagógica, terminei 1990, na época eram trinta e três meses, e logo depois que eu terminei o mestrado surgiu uma oportunidade para eu fazer um concurso para professor substituto na ESEF<sup>1</sup> da UFRGS<sup>2</sup>. E como nós estávamos com a intenção de sair de Alegre, eu e a minha família e tal, com

---

<sup>1</sup> Escola de Educação Física. Em 2015 mudou sua nomenclatura para Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID).

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

vontade de ir ou para Porto Alegre, ou para uma outra região mais próxima, eu acabei participando da seleção, fui selecionado e trabalhei como substituto por um ano e meio, foi no segundo semestre de 1991 e durante todo o ano de 1992.

J.K. – Certo! E em algum momento da tua trajetória tu chegou a trabalhar como técnico de handebol em algum clube?

G.P. – Não, clube nunca! Quer dizer, em Santa Maria nós tínhamos uma associação desportiva que era da universidade, mas que acolhia a equipe que representava o Rio Grande do Sul, que era a equipe do colégio Maneco<sup>3</sup>, então, eu cheguei a trabalhar como auxiliar técnico do Celso Giacomini lá, mas fora desse âmbito, do âmbito federado nunca trabalhei.

J.K. – E na época que tu trabalhava na escola tinha campeonatos de handebol escolar?

G.P. – Sim, *muitos!* Durante o tempo todo que eu trabalhei na escola, havia os campeonatos estaduais, os jogos escolares, as etapas municipais, regionais e estaduais. E em um determinado momento, acho que foi... Se eu não me engano em 1985, 1986, na época que eu estava saindo para fazer mestrado foi transformado em Olimpíada Escolar, eu acho que a mudança foi mais de nome, não havia grandes mudanças em termos de estrutura. Eu só queria deixar registrado que nesses meus doze, treze anos e pouco que eu trabalhei na escola a minha aproximação com o handebol foi mudando, eu cheguei na escola recém formado com uma especialização interrompida e com a perspectiva de ser um treinador, eu era um treinador frustrado, e quando eu saí para fazer o mestrado, só pensava em coisas para o mestrado, e ingressei na ESEF como substituto eu já tinha uma perspectiva muito mais pedagógica do esporte do que, propriamente, de treinador. Eu tive a oportunidade no mestrado de trabalhar com o professor Reiner Hildebrandt-Stramann na concepção das aulas abertas e aí o nosso desafio era pensar o esporte a partir das oficinas abertas, e eu continuei pensando ele dessa forma, mas não mais nessa perspectiva de competição.

---

<sup>3</sup> Colégio Estadual Manuel Ribas.

J.K. – Certo! E nas competições escolares que tinha, como é que era a presença do público?

G.P. – Bom, vamos pensar assim, em âmbito municipal e regional a presença era sempre muito grande, porque acontecia normalmente, concentrava os jogos, aconteciam em períodos que envolviam outras modalidades também, outras vezes as aulas eram interrompidas para que houvesse aquela modalidade ou aquela etapa do campeonato, então nos primeiros níveis municipal, regional sim, no âmbito estadual eu participei eu acho que duas ou três finais estaduais com as duas equipes, e eu não me lembro de um público muito bom, muito pelo contrário, eu tenho lembranças assim, da tristeza que foi jogar, por exemplo, em Novo Hamburgo em um ginásio enorme, não sei se ainda existe, o ginásio que foi do Ginástica de Novo Hamburgo<sup>4</sup>, acho que tinha lugar para duas mil e quinhentas pessoas e retumbava o barulho porque não tinha ninguém no ginásio, mas nos âmbitos locais e regionais sim, a população sempre se envolveu.

J.K. – Em relação à história do handebol no Rio Grande do Sul, o que tu saberia me contar sobre como esse esporte chegou até o estado?

G.P. – Eu conheço do handebol sobretudo a influência da colonização alemã, obviamente, então o desenvolvimento do handebol nessa região ali ao entorno de Porto Alegre, sobretudo Novo Hamburgo, e em Porto Alegre a importância do professor Chiquinho<sup>5</sup>, que foi professor na ESEF durante muitos anos e que era apaixonado por handebol. Mas me apeguei mais... Vamos dizer assim, estive mais ligado a divulgação do handebol e administração do handebol no interior do estado, por exemplo, lá na região de Santa Maria graças ao professor Clóvis<sup>6</sup> que foi professor da universidade lá, que trouxe também uma contribuição muito grande, o professor Pedro Luiz Beno Lang também foi professor da universidade e que também tinha produções sobre mini handebol e tinha algumas propostas sobre mini handebol na escola, e depois disso, os discípulos dele que foram... Que foi a geração que se envolveu mais com o alto rendimento, aí o Celso Giacomini, o Mateus

---

<sup>4</sup> Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo.

<sup>5</sup> Francisco Camargo Netto.

<sup>6</sup> Clóvis Monteiro Ávila.

Saldanha<sup>7</sup>, o Liminha<sup>8</sup> que foi árbitro internacional durante muitos anos, então, eu diria que a minha... Que o acompanhamento que eu tive da história, foi mais em função do handebol no interior, na fronteira da onde eu vim, Alegrete, Uruguaiana, Bagé, Rosário do Sul, onde o handebol era muito pouco difundido. Começou a ser difundido depois na escola já em função também de uma deliberação que havia da antiga SEED MEC<sup>9</sup> quando sucedeu o antigo DED<sup>10</sup>, que propunha que não se praticasse futebol na escola, era uma restrição ao futebol na escola. Então o handebol terminou meio que ocupando na escola o lugar do futebol, até porque a quadra era semelhante, as goleiras, essas coisas todas... Foi um pouco disso assim, mas eu não tenho dados históricos, eu não estudei muito sobre história.

P.J. – Professor, o senhor comentou que participou de competições escolares?

G.P. – Sim.

P.J. – Eram equipes de meninos de meninas, eram os dois, como era essa adesão dos alunos e das alunas com o handebol?

G.P. – Eu trabalhei com meninas e com meninos, mas as finais estaduais que eu fui, todas elas foram com equipes femininas, eu nunca consegui chegar a uma final estadual com equipe masculina. Um pouco, porque eu trabalhei pouco tempo com o masculino e em segundo lugar, porque o masculino na minha região tinha equipes *muito* fortes, então, no âmbito escolar a gente não tinha muitas condições aí de superá-los. Já no feminino a gente já tinha mais possibilidades, tinha condições de competir, *não* em igualdade de competição, mas pelo menos não impedia que a gente conseguisse uma vaga nas finais.

P.J. – E como que o senhor vê essa competitividade em um nível maior das meninas e um nível menor dos meninos, nessas competições de handebol?

---

<sup>7</sup> Matheus Francisco Saldanha Filho.

<sup>8</sup> Paulo Roberto Lima.

<sup>9</sup> Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação.

<sup>10</sup> Departamento de Educação.

G.P. – Acho que era o contrário: a competitividade era maior no masculino, o nível de qualidade técnica era muito maior no masculino, e também o número de equipes era muito maior no masculino. O feminino tinha menos equipes, tínhamos mais dificuldades, havia essa coisa dos anos 1980, então, havia uma certa restrição a participação feminina. O handebol era dado como um esporte muito violento, então, as meninas eram mais direcionadas mais para o voleibol... Eu não estou insinuando ali uma decisão de gênero, mas o gênero era muito presente, como é presente até hoje no esporte, haja visto o futebol.

J.K. – Com relação à história do handebol, o senhor saberia me dizer quem é que trouxe o handebol para o Rio Grande do Sul?

G.P. – Não sei!

J.K. – E quando ele iniciou, ele foi mais praticado em clubes ou em escolas?

G.P. – Olha, eu não tenho como te garantir isso, é mais por uma leitura e interpretação do contexto. Eu acho que ele começou mais em clubes, sobretudo em clubes ginásticos de origem alemã. Embora o handebol de salão, como a gente chamava, ele não seja uma produção alemã; o handebol de campo que era alemão, o handebol de salão é mais dos países da Escandinávia, mas a Alemanha incorporou o que já praticava no campo, incorporou o handebol de salão, e eu acredito... Pelo menos, é uma impressão que eu tenho, que tenha chegado primeiro nos clubes ginásticos alemães, Novo Hamburgo, São Leopoldo. Pelo menos aqui em Santa Catarina onde eu moro, ele chegou, por exemplo, via Blumenau que é uma região de colonização alemã. Eu estou fazendo por analogia, mas eu não tenho essa informação, nunca estudei isso. O Carioca<sup>11</sup>, ele tem uma dissertação que fala sobre os esportes de origem alemã no Rio Grande do Sul, talvez aí vocês encontrem, ele fez essa dissertação em Santa Maria quando ele fez o mestrado lá.

J.K. – Agora sobre a disciplina de handebol, saberia me dizer o ano que ela iniciou na ESEF na UFRGS?

---

<sup>11</sup> Paulo Gilberto Oliveira.

G.P. – Deve ter sido lá pelos anos 1960, eu não sei te dizer. Porque eu dei aula ali em 1991, 1992.

J.K. – Sim...

G.P. – E eu trabalhei como substituto do Élio Carraveta que era o titular da disciplina, na época estava fazendo Doutorado na Espanha e eu entrei na vaga dele. Mas, por exemplo, o Chiquinho deve ter atuado aí nos anos 1960, 1970, e já era professor de handebol, tem um livro do Chiquinho, se eu não estou errado, de volume 1973, 1974, têm uns três livros de handebol que foram publicados no Rio Grande do Sul, mas eu também não saberia te dizer.

J.K. – E saberia me dizer como que essa disciplina ela foi incluída no currículo universitário?

G.P. – Olha, quando eu atuei aí o curso ainda não tinha implantado, a ESEF ainda não tinha implantado, estava fazendo a discussão para a implantação da reforma para as Diretrizes 03/87, ainda estava em discussão, ela foi aprovada em outubro de 1987, tinha dois anos para ser implementada, mas ninguém nunca cumpre esses dois anos, então, ela estava no início dos anos 1990 sendo discutida. No mínimo ela estava presente no currículo, chamado no currículo mínimo na resolução de 1969/69, mas lá exatamente na ESEF eu não sei quando que ela foi constituída.

J.K. – Na época que foste professor da disciplina, tinha mais homens ou mulheres que participavam dela?

G.P. – Bom, para isso é preciso dar uma pequena historicizada, né. Na época no currículo tinha duas cadeiras de handebol: uma obrigatória que era das fases iniciais, seu não estou enganado era na segunda fase do curso, no segundo semestre, que era chamado de handebol iniciação que era obrigatória. E, depois, lá para o final do curso tinha uma outra que era handebol treinamento, que era optativa e era oferecida conforme a disponibilidade dos professores. Eu trabalhei três semestres com a disciplina de iniciação e um semestre

com a disciplina de treinamento, porque nos outros semestres, o professor Cassel<sup>12</sup>, que é um professor aposentado aí da ESEF, ele foi designado Pró-Reitor, eu acho que de assuntos estudantis ou coisa parecida, e não tinha quem desse a disciplina de História da Educação Física, e como eu tinha trabalhado um pouquinho com história da Educação Física no mestrado, eu terminei assumindo e eu não tinha mais carga horária para oferecer o handebol treinamento... Então eu vou começar pelo handebol treinamento: o único semestre que eu ofereci tinha poucos alunos, eu acho que eram doze e terminaram oito, e praticamente todos homens. Eu lembro de algumas meninas, mas devia ter no máximo duas ou três meninas inicialmente matriculadas, e depois acredito que alguma delas, inclusive não concluiu a disciplina. Já na disciplina de introdução, de iniciação ao handebol, nos três semestres que eu ofereci era parêlo, então assim, talvez houvesse uma *pequena* predominância de meninos porque como ela era uma disciplina dentro da grade normal e no currículo era praticamente obrigatória, então eles tinham quase que seguir a mesma quantidade de alunos que entravam no curso, e era um pouquinho superior de meninos, mas não era um desequilíbrio muito grande, era turma mista.

J.K. – E como o senhor vê a importância do handebol dentro do currículo universitário?

G.P. – Apesar de estar afastado do handebol já alguns anos, agora sou aposentado, trabalhei no curso de Educação Física aqui na Universidade Federal de Santa Catarina até o ano passado, e tive várias oportunidades e eu atuei com a disciplina de handebol no curso de graduação. Eu considero o handebol um esporte muito importante para ser desenvolvido no curso de Educação Física, sobretudo porque as condições de sua prática são muito favoráveis em âmbito escolar. É uma modalidade que requer, assim como o futebol, espaços adaptados, é muito mais fácil fazer uma goleira, um trave, do que fazer uma tabela de basquete, então, nas escolas públicas que tem problemas de infraestrutura que normalmente são muito precárias, o handebol se apresenta como uma modalidade adaptável às condições de espaços físicos. Além disso, eu considero que o handebol talvez entre as modalidades coletivas e, sobretudo as modalidades coletivas de invasão, de esportes de invasão, eu acho que é aquela que desenvolve o melhor senso tático, a técnica não é tão rebuscada, a gente se resolve no handebol sem muita coisa, mas a noção de tática

---

<sup>12</sup> Mário César Cassel.

a noção de superioridade numérica, de tu criar as situações de superioridade numérica que *exige* uma disciplina prática, um entendimento prático de quem aprende handebol muito grande. Então eu acho que como modalidade coletiva, ela é formativa da noção do esporte coletivo, talvez mais que o futebol e certamente mais que o basquete.

J.K. – Na época que o senhor ministrou a disciplina optativa de handebol, como era o perfil dos alunos que buscavam a disciplina de treinamento do handebol?

G.P. – Quase todos que fizeram e, sobretudo, todos os que terminaram, tinham algum envolvimento com o handebol: tinha atletas, tinha auxiliar técnico de equipe, tinha já pessoas que atuavam na escola como substituto, como professor contratado na modalidade de handebol. Então praticamente todos eles me... Não todos, eu me lembro, por exemplo, de um dos que tinha que fazer essa disciplina em função de créditos, estava perto de graduar, e faltavam alguns créditos e ele resolveu fazer. Então... E ele era da luta, ele foi um treinador famoso, é um treinador famoso ainda, foi treinador do Derly<sup>13</sup>, o Kiko<sup>14</sup>, não lembro agora o nome dele, mas eu sei por que eu vejo ele na televisão daí eu lembro. E ele me dizia assim: “Giovani, eu não entendo, não existe [palavra inaudível] uma no handebol, o meu negócio é luta, mas eu preciso fazer essa disciplina por causa dos créditos”. Aí eu dizia: “Tudo bem, faz”. Mas era uma coisa interessante de tentar entender o que passa pela cabeça de um treinador de judô.

J.K. – E como era o envolvimento desses universitários com a prática do handebol?

G.P. – Bom, nas turmas de iniciação eu diria que era quase que uma iniciação ao handebol escolar, que a maior parte nunca tinha praticado. Tinha *muita* gente que nunca tinha praticado e os que tinham praticado muito pouco, e sempre envolver habilidade técnica mínima para a prática e então eu me desdobrava entre ensinar fundamentos e a ensinar, a ensinar fundamentos. Embora a gente diga hoje que as pedagogias mostram que a demonstração não é tão significativa assim, embora a neurociência hoje tenha mostrado que, com a história do neurônio espelho, que a visão é importante para o desenvolvimento motor. Mas eu achava e continuo achando, que para que o professor na escola possa

---

<sup>13</sup> João Derly de Oliveira Nunes Júnior.

<sup>14</sup> Antônio Carlos Pereira.

desenvolver na escola uma modalidade ele deve conhecer minimamente os fundamentos, claro, mais importante do que isso é ensinar, saber ensinar, mas o saber ensinar passa pelo domínio mínimo das habilidades técnicas. Então, eu tinha que fazer isso, na maior parte dos alunos eu tinha que ensinar a técnica e ensinar como ensinar a técnica.

J.K. – Tu acredita que a modalidade de handebol no currículo universitário tenha aumentado a prática desse esporte dentro das escolas?

G.P. – Não sei se dá para fazer essa relação, essa associação tão direta mas acredito que sim. Mas, ao mesmo tempo eu percebo hoje, nos últimos oito anos aqui na universidade antes de me aposentar, eu fui professor do estágio supervisionado da licenciatura, então eu passei oito anos visitando a escola para fazer supervisão e é impressionante como o handebol, pelo menos *na realidade* que eu vi com as escolas, porque eu acompanhava aqui em Florianópolis, como o handebol desapareceu. Mesmo continuando assim, ensinado na universidade, mesmo sendo uma disciplina obrigatória como é o nosso caso aqui, mas é impressionante como ele sumiu das escolas. Claro, há escolas que ainda praticam com alguma intensidade, o handebol continua presente nos Jogos Escolares, mas nas escolas onde eu acompanhava o estágio e eram escolas basicamente públicas, municipais ou estaduais, o handebol era... Eu te diria difícil! Muito, muito difícil de a gente encontrar uma aula, mesmo quando planejada pelos estagiários, os alunos tinham muita resistência a ir, preferiam jogar futebol, obviamente.

J.K. – Nos últimos anos a gente pode observar que o handebol ganhou um certo destaque, principalmente com a equipe da Seleção Brasileira de Handebol Feminino, que ganhou o Campeonato Mundial. Com esse destaque que o Brasil ganhou ao vender este campeonato, trouxe mais visibilidade para a prática do handebol nas escolas?

G.P. – Nas escolas eu acho que não. Apesar da modalidade ter ganho visibilidade eu acredito que em função dela ter um espaço restrito na TV aberta e aparecer, e quando aparece são os canais com assinatura, talvez ela não chegue tanto a clientela, vamos dizer assim, como as escolas, sobretudo das escolas públicas. Agora tem um dado interessante que mostra que isso não se aplica só ao handebol, tem... A Rede Globo tem uma pesquisa

que foi anunciada aqui em um Fórum Internacional de Esportes, alguns anos atrás, em que fizeram uma pesquisa e o que ficou identificado é que há uma tendência, das novas gerações de não acompanhar modalidades ditas tradicionais, os jogos coletivos, seja de quadra ou de campo, e que estaria havendo uma imigração dos jovens, sobretudo do jovem, não só para fora da TV que hoje vocês veem tudo na internet. Os jovens não acompanham mais a TV, e aqueles que acompanham a TV não acompanham mais os esportes tradicionais, eles veem acompanhando esportes ou de aventura, ou esportes internacionais, sobretudo as Ligas Norte Americanas. Então, mas é o Marcelo Pinto<sup>15</sup> que era o diretor do Globo Esporte, foi o palestrante do Fórum. Ele relatava isso com uma certa preocupação, com relação ao modelo *broadcasting* da TV aberta, daquela modalidade que tem aqueles padrões todos e essa coisa que ele estava apontando era a necessidade de talvez uma certa revisão daquele modelo tradicional. Mas, na TV aberta isso continua a acontecendo esses ditos esportes não profissionais tem pouco espaço na TV aberta.

P.J. – Porque o senhor acha que houve essa decadência na prática do handebol, principalmente, na escola que era um lugar que ele acontecia de fato, e de um tempo para cá essa modalidade foi meio que caindo no esquecimento de certa forma?

G.P. – É interessante mesmo, além desse espaço, da pouca visibilidade ele é um bom tema de investigação. Talvez uma das justificativas é que tenha sido uma espécie de... Não sei se uma restrição, mas uma espécie de um certo constrangimento da modalidade em função do excessivo contato corporal. A gente sabe que os meninos e as meninas na escola dependendo da faixa etária e estão, eles não gostam desse contato corporal, então, talvez isso tenha influenciado. Talvez uma outra influência tenha sido o fato de que o voleibol experimentou um modelo bem sucedido e garantiu bastante visibilidade. Enquanto o handebol feminino ganhou um mundial, o vôlei brasileiro masculino e feminino ganharam vários mundiais. Então se a gente for atrás de visibilidade, o voleibol está  *muito* a frente, mas eu acho que seria um tema interessante, mas agora é interessante a gente ver, eu não sei como é na ESEF, mas é interessante ver pelo nosso curso aqui, que o handebol continua sendo uma disciplina obrigatória, enquanto que modalidades que são emergentes na escolas, ou práticas esportivas emergentes na escola, continue ou fora do currículo ou

---

<sup>15</sup> Marcelo Campos Pinto.

como disciplinas optativas e poucas vezes oferecidas. Então, por exemplo, esporte de aventura, tem sido bastante relatado nas publicações, por editores das revistas, então tem muito relato de experiência com esporte de aventura e tudo mais, só que não chega na escola, mas talvez não chegue na escola porque talvez não tenha divulgação, não tenha lugar no currículo do curso de formação do professor. Mas é especulação, mas é um bom motivo para procurar investigar.

J.K. – Teria alguma coisa que eu não te perguntei que tu gostarias de compartilhar?

G.P. – Teria, na verdade não é bem sobre o handebol. Eu queria dizer que o um ano e meio que eu passei ali na ESEF, eu fiz grades amigos e tenho muitas saudades, fui muito bem tratado. No início eu tinha uma certa resistência porque havia uma rixa instalada entre Porto Alegre e Santa Maria, não só no handebol, mas nas modalidades esportivas em geral, e talvez tenha passado um pouco por isso, pela desconfiança de vir da Santa Maria, mas eu tive a oportunidade de fazer bons amigos e eu terminei com um bom ambiente e tenho muita saudades da ESEF e tenho até hoje grandes amigos ali. Quero dizer que me dá muito prazer dar esta entrevista pelo fato de estar retomando este contato com este lugar que eu gosto muito.

J.K. – Obrigada professor Giovani. Eu é que agradeço em nome do Centro de Memória do Esporte.

[FINAL DA ENTREVISTA]